



Naqueles dias, apareceu João Baptista a pregar no deserto da Judeia, dizendo: «Arrependei-vos, porque está perto o reino dos Céus». Foi dele que o profeta Isaías falou, ao dizer: «Uma voz clama no deserto: 'Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas'».

Viver a Palavra

A Liturgia da Palavra deste Domingo é marcada por um conjunto de formas verbais no modo imperativo: «acolhei-vos», «preparai», «endireitai», «arrependei-vos», «praticai», entre outras. O tom exortativo presente nas leituras que a liturgia nos oferece neste segundo Domingo de Advento impele-nos a rasgar horizontes de esperança na nossa vida pessoal e comunitária através de um dinamismo de conversão que nos coloca permanentemente a caminho e nos desafia a abrir o nosso coração à perene novidade que brota do Evangelho. Entrar na aventura de ser cristão, abraçando com alegria e generosidade o sonho de amor que Deus tem para cada um de nós, é entrar em estado permanente de tensão entre aquilo que eu somos e aquilo que O Senhor nos chama a ser, procurando em cada dia afinar o nosso coração com o coração de Jesus, para que a nossa vida seja cada vez mais aquilo que Deus sonha para nós.

O Evangelho deste Domingo abre com a desconcertante indicação de que João Baptista apareceu a pregar no deserto da Judeia. Não posso deixar de manifestar a minha estranheza, pois, se alguém tem uma boa notícia e quer ser escutado deve procurar os grandes areópagos, as praças movimentadas e as ruas mais frequentadas. Por seu lado, João Baptista retira-se para o deserto da Judeia, aparecendo como sinal profético, não apenas por palavras, mas também por gestos e ações concretas. A Boa Notícia que João Baptista proclama implica uma mudança permanente de perspetiva. Escutar a voz que nos conduz à felicidade plena e verdadeira implica, muitas vezes, atravessar o deserto e implicará sempre a capacidade de nos retirarmos do frenesim do nosso quotidiano, do tumulto ruidoso da nossa marcha agitada, para escutarmos a Palavra que transforma o coração e a vida.

«Arrependei-vos, porque está perto o reino dos Céus». A proximidade do Reino que Deus quer estabelecer em nós e a partir de nós no mundo, para que um dia sejamos participantes da sua plenitude, faz-nos entrar numa fecunda revisão de vida. O exame de consciência que denuncia quanto há ainda a mudar no nosso coração e na nossa vida é a porta para a verdadeira felicidade. Identificando quanto em nós é ainda estraga pedregosa, abrimos o nosso coração ao aperfeiçoamento permanente e propomo-nos a uma transformação que oferece à nossa vida um novo horizonte e uma nova esperança.

João Baptista torna-se ainda mais incisivo diante dos fariseus e saduceus que se aproximam do batismo: «praticai ações que se conformem ao arrependimento que manifestais». O arrependimento e a conversão não podem ser apenas uma inclinação do coração e um manifesto de boa vontade: têm necessariamente de se traduzir numa vida conforme o Evangelho. É o esforço permanente para que a aquilo que eu sou coincida cada vez mais e melhor com aquilo que o Senhor me chama ser.

Contudo, importa ainda sublinhar que o esforço que colocamos na nossa conversão é acompanhado pela graça de Deus que nos sustenta e fortalece neste caminho de renovação. O Espírito do Senhor que Isaías profetiza é «*espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus*». São os dons do Espírito que, derramados sobre nós, reclamam a docilidade de coração para que a conversão seja eficaz e fecunda. *in Voz Portucalense*.

+++++

A pregação de João Baptista convida ao arrependimento e à conversão. O tempo de Advento, enquanto espera atenta e vigilante do Senhor que vem, deve ser marcado por uma atitude de renovação e conversão. Por isso, este segundo Domingo de Advento é uma oportunidade para recordar os fiéis da necessidade de preparar o Natal do Senhor com o Sacramento da Reconciliação. Os párocos e demais pastores devem empenhar-se em encontrar tempos e lugares de celebração deste sacramento adaptadas às circunstâncias profissionais e familiares dos fiéis *in Voz Portucalense*

+++++

Estamos já no novo Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2025/2026 - acompanhamos o evangelista Mateus** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

LEITURA I – Isaías 11, 1-10

Naquele dia,

sairá um ramo do tronco de Jessé
e um rebento brotará das suas raízes.

Sobre ele repousará o espírito do Senhor:
espírito de sabedoria e de inteligência,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor de Deus.

Animado assim do temor de Deus,
não julgará segundo as aparências,
nem decidirá pelo que ouvir dizer.

Julgará os infelizes com justiça
e com sentenças retas os humildes do povo.
Com o chicote da sua palavra atingirá o violento
e com o sopro dos seus lábios exterminará o ímpio.

A justiça será a faixa dos seus rins
e a lealdade a cintura dos seus flancos.

O lobo viverá com o cordeiro
e a pantera dormirá com o cabrito;
o bezerro e o leãozinho andarão juntos
e um menino os poderá conduzir.

A vitela e a ursa pastarão juntamente,
suas crias dormirão lado a lado;
e o leão comerá feno como o boi.

A criança de leite brincará junto ao ninho da cobra
e o menino meterá a mão na toca da víbora.

Não mais praticarão o mal nem a destruição
em todo o meu santo monte:
o conhecimento do Senhor encherá o país,
como as águas enchem o leito do mar.
Nesse dia, a raiz de Jessé surgirá como bandeira dos povos;
as nações virão procurá-la e a sua morada será gloriosa.

CONTEXTO

O profeta Isaías (autor dos capítulos. 1-39 do Livro de Isaías) nasceu por volta do ano 760 a. C., no tempo do rei Ozias. De origem nobre, parece ter vivido em Jerusalém e frequentado o ambiente da corte. Culto e respeitado, fazia parte dos notáveis do país: participava nas decisões relativas ao Reino, falando com autoridade aos altos funcionários (cf. Is 22,15) e mesmo aos reis (cf. 7,10).

Foi por volta de 740 a.C. (cf. Is 6,1), quando tinha cerca de vinte anos, que Isaías sentiu o chamamento de Deus e iniciou a sua missão profética. Essa missão prolongou-se durante os reinados de Jotam (740-736 a.C.), Acaz (736-716 a.C.) e Ezequias (716-687 a.C.), reis de Judá.

A época em que Isaías exerceu o seu ministério profético é uma época agitada, do ponto de vista político, marcada pelo expansionismo do império assírio. No ano 745 a.C., Tiglat-Pileser III sobe ao trono assírio e envia os seus exércitos para submeter os povos da zona. Os pequenos reinos da região, assustados com a política militar agressiva dos assírios, procuraram resistir constituindo coligações defensivas anti-assírias. Judá, apesar dos esforços de Acaz, não conseguiu evitar envolver-se nesses jogos de política internacional, acabando por cair na zona de influência dos assírios. Isaías nunca aprovou a participação de Judá nesses jogos da política internacional. Para o profeta, Judá devia abster-se das alianças políticas com potências estrangeiras, sempre perigosas e geradoras de instabilidade. A única política aceitável, para o povo da Aliança, era colocar a sua segurança e esperança nas mãos de Deus.

Mais tarde, já no reinado de Ezequias, Judá procurou libertar-se da influência assíria entrando numa coligação anti-assíria com o Egito, a Fenícia e a Babilónia. Isaías, uma vez mais, condenou essa iniciativa. Para o profeta, colocar a segurança e a esperança da nação no poder de exércitos estrangeiros não poderia conduzir senão à ruína de Judá. De facto, as previsões funestas de Isaías realizaram-se quando Senaquerib invadiu Judá, cercou Jerusalém e obrigou Ezequias a submeter-se ao poderio assírio (701 a.C.).

Os últimos oráculos de Isaías são de 701 ou, talvez, de 689 a. C. Isaías deve ter morrido poucos anos depois, embora não saibamos ao certo quando. Um apócrifo judeu do séc. I d. C. – “Ascensão de Isaías” – afirma que foi assassinado pelo rei ímpio Manassés.

A primeira leitura que a liturgia deste domingo nos propõe apresenta-nos um poema cujo enquadramento histórico não é fácil de definir. Para alguns autores, contudo, este poema (e outros semelhantes) surge na fase final da atividade profética de Isaías, talvez nos últimos anos do reinado de Ezequias. Por essa altura, desiludido com o aventureirismo político dos reis de Judá, o profeta teria começado a sonhar com um tempo novo, sem armas e sem guerras, de justiça e de paz sem fim. Tal “reino” só poderia surgir da iniciativa de Javé (os reis humanos de há muito que se haviam revelado incapazes de conduzir o Povo em direção a um futuro de paz); e o instrumento de Javé na implementação desse “reino” seria, na opinião do profeta, um descendente de David. Este texto será, talvez, dessa época em que a profecia e o sonho de um mundo melhor se combinam. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- É muito belo o “mundo” sonhado pelo profeta-poeta Isaías. No entanto, mais de 2.700 anos depois, essa bela utopia parece continuar infinitamente distante da realidade com que lidamos todos os dias. Guerras infundáveis, de uma violência inaudita, deixam por todo o lado um rastro de sofrimento e morte; os poderosos, os donos do mundo, multiplicam as injustiças e as arbitrariedades sobre os mais frágeis e moldam as leis de acordo com os seus interesses; o consumismo, a ambição desmedida, a exploração descontrolado dos recursos naturais, a procura do bem-estar a qualquer custo, têm-nos levado a excessos impensáveis na relação que mantemos com a natureza e colocam a humanidade sob a ameaça de catástrofes devastadoras; uma boa parte da humanidade vive muito abaixo do limiar da pobreza e não tem acesso ao pão de cada dia, a cuidados básicos de saúde, à instrução, a uma vida digna... Como lidamos com tudo isto? Que valor damos à promessa feita por Deus através de Isaías, uma promessa tantas e tantas vezes reiterada, ao longo da história dos homens, por outras vozes proféticas? Ainda alimentamos a esperança nesse mundo novo prometido por Deus?
- Para nós, cristãos, Jesus Cristo é o “Messias”, o “rebento que brotou das raízes” de Jessé, o descendente de David que Deus ungiu com o Espírito e enviou ao mundo para propor aos homens o prometido “reino” de justiça, de paz, de fraternidade, de vida abundante. Jesus, com palavras e com gestos, falou-nos do “Reino de Deus” e lançou a semente desse “reino” no coração dos homens. Temos levado a sério a proposta que Jesus nos veio trazer? A semente que Jesus veio lançar à terra foi acolhida nos nossos corações e tem dado frutos abundantes? Sentimo-nos verdadeiramente comprometidos com a construção do Reino de Deus? Lutamos objetivamente contra tudo aquilo que, nestes dias que nos tocou viver, gera injustiça, violência, mentira, maldade, sofrimento e morte? Somos nós também – tal como Jesus foi – anunciantes desse mundo novo de justiça e de fraternidade que Deus quer continuar a propor aos homens?

- Neste tempo de advento – o tempo em que nos preparamos para celebrar a vinda de Jesus à história dos homens – faz sentido questionarmo-nos sobre aquilo que ainda nos impede de acolher Jesus e a proposta que Ele, por mandato de Deus, nos veio trazer. O que é que temos de mudar na nossa mentalidade, na nossa forma de ver o mundo e os outros, na nossa forma de atuar, nos valores sobre os quais vamos edificando a nossa existência, para que se torne realidade o mundo sonhado por Deus? Há alguma coisa na nossa vida que esteja a ser obstáculo para que Jesus chegue até nós e para que possamos acolher a Sua proposta? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 71 (72)

Refrão: Nos dias do Senhor nascerá a justiça e a paz para sempre.

Ó Deus, dai ao rei o poder de julgar
e a vossa justiça ao filho do rei.
Ele governará o vosso povo com justiça
e os vossos pobres com equidade.
Florescerá a justiça nos seus dias
e uma grande paz até ao fim dos tempos.
Ele dominará de um ao outro mar,
do grande rio até aos confins da terra.
Socorrerá o pobre que pede auxílio
e o miserável que não tem amparo.
Terá compaixão dos fracos e dos pobres
e defenderá a vida dos oprimidos.
O seu nome será eternamente bendito
e durará tanto como a luz do sol;
nele serão abençoadas todas as nações,
todos os povos da terra o hão de bendizer.

LEITURA II – Romanos 15, 4-9

Irmãos:

Tudo o que foi escrito no passado
foi escrito para nossa instrução,
a fim de que, pela paciência e consolação que vêm das Escrituras,
tenhamos esperança.
O Deus da paciência e da consolação vos conceda
que alimenteis os mesmos sentimentos uns para com os outros,
segundo Cristo Jesus,
para que, numa só alma e com uma só voz,
glorifiqueis a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Acolhei-vos, portanto, uns aos outros,
como Cristo vos acolheu,
para glória de Deus.
Pois Eu vos digo que Cristo Se fez servidor dos judeus,
para mostrar a fidelidade de Deus
e confirmar as promessas feitas aos nossos antepassados.
Por sua vez, os gentios dão glória a Deus pela sua misericórdia,
como está escrito:
«Por isso eu Vos bendirei entre as nações
e cantarei a glória do vosso nome».

CONTEXTO

Não sabemos em pormenor como surgiu a comunidade cristã de Roma. Pensa-se que o cristianismo terá chegado à capital do império levado por judeus palestinos convertidos a Jesus. Por essa altura, havia em Roma uma importante colónia judaica, constituída por cerca de 50.000 pessoas.

Paulo, na altura em que decidiu escrever aos cristãos de Roma, não tinha ainda tido contactos diretos com a comunidade. O seu esforço missionário tinha sido, até então, direcionado para o Mediterrâneo oriental, especialmente para as regiões da Ásia Menor e da Grécia.

Contudo, talvez no inverno de 55-56, prestes a concluir a sua terceira viagem missionária, Paulo começou a pensar em novos horizontes de missão. Preparava-se, então, para retornar à Palestina, a fim de entregar pessoalmente aos cristãos de Jerusalém os donativos recolhidos em favor deles nas igrejas do oriente. As igrejas

que ele tinha fundado e acompanhado na Grécia e na Ásia Menor estavam organizadas e pareciam preparadas para caminhar sozinhas. Paulo sentia-se livre para partir para onde o anúncio do Evangelho o levasse. Planeava dirigir-se para oeste e, talvez, ir até à Espanha para aí proclamar o Evangelho (cf. Rm 15,24-28). A visita a Roma seria um antigo sonho de Paulo.

É neste enquadramento que Paulo resolve dirigir-se por carta aos cristãos de Roma. Apresenta-se (“Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus” – Rm 1,1) e propõe-lhes uma reflexão sobre os principais problemas que o preocupam, entre os quais sobressai a questão da unidade (um problema que a comunidade cristã de Roma, afetada por dificuldades de relacionamento entre judeo-cristãos e pagano-cristãos, conhecia bem). Com serenidade e lucidez, evitando qualquer polémica, expõe-lhes as linhas mestras do Evangelho que anuncia. A Carta aos Romanos é uma espécie de resumo da teologia paulina.

A Carta tem duas partes, uma mais de carácter doutrinal e a outra de carácter mais prático. Na primeira parte da Carta (cf. Rm 1,18-11,36), Paulo vai fazer notar aos cristãos divididos que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Embora o pecado seja uma realidade universal, que afeta todos os homens (cf. Rm 1,18-3,20), a “justiça de Deus” dá vida a todos, sem distinção (cf. Rm 3,1-5,11); e é em Jesus Cristo que essa vida se comunica e que transforma o homem (cf. Rm 5,12-8,39). Batizado em Cristo, o cristão morre para o pecado e nasce para uma vida nova. Passa a ser conduzido pelo Espírito e torna-se filho de Deus; libertado do pecado e da morte, produz frutos de santificação e caminha para a Vida eterna. Na segunda parte da carta (cf. Rm 12,1-15,13) Paulo, de uma forma bastante prática, exorta os cristãos a viverem de acordo com o Evangelho de Jesus.

O texto que hoje nos é proposto pertence à segunda parte da carta. Depois de exortar os cristãos que pertencem à comunidade de Roma ao amor mútuo (cf. Rm 13,8-10), Paulo deixa-lhes uma recomendação sobre a forma de esperar o Senhor que vem. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Paulo de Tarso, desde que encontrou Cristo na estrada de Damasco (cf. At 9,1-19; 22,4-21; 26,9-18) passou a ver o mundo e a vida com o olhar de Cristo. Cristo passou a ser a sua referência absoluta. Com Cristo, Paulo descobriu que o caminho que leva à vida é o caminho da cruz, o caminho da vida dada até ao extremo, o caminho do amor e do serviço; com Cristo, Paulo aprendeu a acolher toda a gente, independentemente das raças, das diferenças culturais ou de classe. Cristo é verdadeiramente o centro a partir do qual Paulo alicerça o edifício da sua vida. É precisamente essa experiência que ele procura passar aos cristãos de Roma e aos cristãos de todos os tempos e lugares. Cristo Jesus é, de facto, a nossa referência? Procuramos ver a vida, o mundo e os homens com o mesmo olhar de Cristo? Os valores sobre os quais a nossa vida está assente são os valores do Evangelho?
- Para Paulo, a comunidade cristã, nascida de Cristo e rosto visível de Cristo no mundo, tem de ser o lugar do amor, da comunhão, da partilha fraterna, da harmonia, do acolhimento, da misericórdia, do perdão; tem de ser a “casa de família” onde todos têm lugar e onde todos se sentem irmãos queridos e amados. Os conflitos, as divisões, a arrogância, a prepotência, o ressentimento, as lutas pelos lugares de honra, os gestos agressivos, as atitudes discriminatórias, não “cabem” no horizonte comunitário dos cristãos. As nossas comunidades cristãs mostram ao mundo o rosto de Cristo? As nossas comunidades cristãs são a “casa familiar” onde todos se sentem irmãos? As nossas comunidades cristãs são anúncio, ao vivo e a cores, desse mundo novo de paz, de justiça, de fraternidade que Cristo nos veio propor? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 3, 1-12

Naqueles dias,

apareceu João Baptista a pregar no deserto da Judeia, dizendo:

«Arrependei-vos, porque está perto o reino dos Céus».

Foi dele que o profeta Isaías falou, ao dizer:

«Uma voz clama no deserto:

‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas’».

João tinha uma veste tecida com pelos de camelo

e uma cintura de cabedal à volta dos rins.

O seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre.

Acorria a ele gente de Jerusalém,

de toda a Judeia e de toda a região do Jordão;

e eram batizados por ele no rio Jordão,

confessando os seus pecados.

Ao ver muitos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo,

disse-lhes:
«Raça de víboras,
quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?
Praticai ações
que se conformem ao arrependimento que manifestais.
Não penseis que basta dizer:
‘Abraão é o nosso pai’,
porque eu vos digo:
Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão.
O machado já está posto à raiz das árvores.
Por isso, toda a árvore que não dá fruto
será cortada e lançada ao fogo.
Eu batizo-vos com água,
para vos levar ao arrependimento.
Mas Aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu
e não sou digno de levar as suas sandálias.
Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo.
Tem a pá na sua mão:
há de limpar a eira e recolher o trigo no celeiro.
Mas a palha, queimá-la-á num fogo que não se apaga».

CONTEXTO

Depois do “Evangelho da Infância de Jesus” (cf. Mt 1-2), Mateus apresenta aos seus leitores a figura de João, o “Batista”.

Foi no final do ano 27 ou no princípio do ano 28 que João, um profeta original e independente, começou a pregar nas margens do rio Jordão, nas franjas do deserto de Judá. O local onde João se instalou seria, provavelmente, o atual Qasr El Yahud, um lugarejo situado perto de Jericó, a cerca de dez quilómetros do Mar Morto. Era um local de passagem para os peregrinos que vinham da Galileia para Jerusalém. A pregação de João atraiu multidões e provocou um certo alvoroço no cenário religioso palestino.

A mensagem que João propunha estava centrada na urgência da conversão pois, segundo João, o “juízo de Deus” estava iminente; e incluía um ritual de purificação pela água (“batismo”), a confissão dos pecados e uma mudança de vida. É possível que João estivesse, de alguma forma, relacionado com a comunidade essénia, uma “seita” judaica dissidente instalada ali ao lado, na localidade de Qumran, nas margens do Mar Morto: o tema do juízo de Deus e os rituais de purificação pela água faziam parte do cenário de vida em que os essénios se moviam.

Segundo a mais antiga tradição cristã, Jesus manteve contactos, antes de iniciar a sua vida pública, com o movimento de João; e alguns discípulos de João tornaram-se, a partir de certa altura, discípulos de Jesus (cf. Jo 1,35-42).

Os primeiros cristãos identificaram João, o Batista, com o mensageiro de Deus referido em Is 40,3, apresentado como “uma voz que clama no deserto” e que convida o povo a preparar “o caminho do Senhor”. Também o ligaram com o profeta Elias (2 Re 1,8), aquele que, segundo a tradição judaica, viria anunciar a Israel a chegada do Messias (cf. Mt 11,14; 17,11; Ml 3,23-24). Para a catequese cristã João seria, portanto, o precursor de Jesus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- João, o “Batista”, o profeta que veio preparar os homens para a chegada de Jesus coloca-nos hoje diante de um desafio fundamental: “convertei-vos”. Esta é, segundo João, a forma adequada de preparar o caminho para que Jesus possa vir encontrar-se connosco. O que significa exatamente converter-se? Sentir arrependimento por ter procedido mal? Fazer penitência para “reparar” os próprios pecados? Cumprir com mais fidelidade as práticas religiosas tradicionais? Dedicar mais tempo à oração? “Converter-se”, no seu mais genuíno sentido bíblico, é abandonar os caminhos que nos levam para longe de Deus (os caminhos do egoísmo, da autossuficiência, do orgulho, da preocupação com os bens materiais) e voltar para trás, ao encontro de Deus; é aproximar-se novamente de Deus, voltar a escutar Deus, passar a viver de acordo com as indicações de Deus; é tomar a decisão de viver ao estilo de Jesus, no amor, na partilha, no serviço, no perdão, no dom de si próprio a Deus e aos irmãos; é acolher o Reino de Deus e procurar torná-lo uma realidade no mundo. Só quem está disposto a percorrer este “caminho” pode acolher o Senhor que vem. Todos nós precisamos, mais ou menos, de redirecionar a nossa vida: abandonar os caminhos que não nos levam a lado nenhum e a dirigir-nos novamente para Deus. Estamos disponíveis, neste tempo de advento, para percorrer este caminho de conversão?

- A interpretação de João, o “Batista”, não resulta apenas das palavras que ele diz; mas resulta, também, da forma como ele se apresenta, do seu estilo de vida, dos valores que transparecem na sua pessoa. João traja uma veste tecida com pelos de camelo e um cinto de cabedal à volta dos rins; o seu vestuário não tem nada a ver com as roupas finas dos sacerdotes que frequentam o templo ou dos cortesãos que circulam pelo palácio de Herodes Antípaso. João alimenta-se de gafanhotos e mel silvestre, desses pobres alimentos que encontra nos lugares desolados que frequenta, e que não têm nada a ver com as iguarias delicadas servidas nos banquetes da gente rica. João é um homem austero, desprendido das realidades materiais, que não dá demasiada importância às coisas fúteis e efémeras, que vive voltado para o essencial e para os valores perenes. A sua prioridade é o anúncio da chegada iminente do “Reino dos céus”. Ora, o “Reino” é despojamento, simplicidade, amor total, partilha, dom da vida... São esses valores que ele procura anunciar, com palavras e com atitudes. E nós, quais são os valores que nos fazem “correr”? Quais são as nossas prioridades? Os nossos valores são os valores do “Reino” ou são esses valores efémeros e fúteis a que a sociedade dá tanta importância, mas que não trazem nada de duradouro e de verdadeiro à vida dos homens?
- Os fariseus e os saduceus consideravam que o desafio da conversão apresentado por João, o “Batista”, não lhes dizia respeito. Eles eram “filhos de Abraão”, membros do povo eleito, viviam de acordo com a Lei e, portanto, não precisavam de mudar nada nas suas vidas: tinham a salvação assegurada. João, no entanto, avisa-os de que essa falsa confiança não lhes servirá de nada se não estiverem permanentemente dispostos a acolher os desafios de Deus. A salvação não é um “direito” conquistado pelo nascimento ou por um qualquer ato institucional; não é algo que é garantido pelo facto de termos o nosso nome inscrito no livro de registos de batismo de uma qualquer paróquia... A salvação é um dom gratuito de Deus, mas implica da nossa parte uma adesão a Deus e à oferta que Ele nos faz. Implica, portanto, uma vida coerente com os valores de Deus e com a graça que nos foi dada no dia do nosso batismo. Estamos conscientes disso? Vivemos e caminhamos atentos aos desafios de Deus?
- João anuncia a chegada próxima de Alguém mais forte do que ele, que vem batizar “no Espírito Santo e no fogo”. A catequese cristã sempre entendeu que esse “Alguém” é Jesus. Ser batizado em Cristo é aceitar o convite para integrar a família de Deus, revestir-se de Cristo e identificar-se com Ele, receber o Espírito e deixar-se conduzir por Ele, passar a integrar a comunidade da salvação e comprometer-se a dar testemunho da vida de Deus. Nós, os que fomos batizados em Cristo, levamos isto a sério? Vivemos de forma coerente com a nossa condição de batizados? Sentimo-nos família de Deus? Identificamo-nos com Jesus e seguimo-l-O no caminho que Ele nos aponta? Vivemos atentos às indicações do Espírito? Somos membros de uma Igreja viva e colocamos ao serviço da comunidade os dons que recebemos? Damos testemunho da vida de Deus no meio dos outros homens e mulheres com os quais nos cruzamos todos os dias? *in Dehonianos*.

Para os leitores

Na **primeira leitura**, é necessário um especial cuidado na proclamação da lista de características do Espírito do Senhor, pois trata-se de uma enumeração que deve ser lida aos pares. Além disso, nesta leitura é importante ter uma particular atenção ao tom bucólico e poético da segunda parte da leitura onde se proclama a harmonia da criação.

A **segunda leitura** não apresenta nenhuma dificuldade aparente na proclamação do texto, contudo, importa estar atento às pausas e respirações para uma eficaz transmissão da mensagem.